

# OS DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR FRENTE À NOVA CONFIGURAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Hellen Christina Justino Barros  
Universidade Federal de Pernambuco  
[hellen-cristina-15@hotmail.com](mailto:hellen-cristina-15@hotmail.com)

Ana Lúcia Borba de Arruda  
Universidade Federal de Pernambuco  
[anaborba@hotmail.com](mailto:anaborba@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

A gestão escolar é uma dimensão fundamental da educação. Para Lück (2009) é por meio dela que se observa a escola e os problemas educacionais globalmente, e a partir disso, pode se ter uma visão ampliada e ações interligadas, a fim de entender os problemas que existem e precisam ser dirimidos. Logo, analisar a gestão escolar é ir além de observar as práticas de organização e gestão, é também ter uma visão dos problemas escolares para buscar possíveis soluções.

A gestão das escolas que ofertam a Educação de Jovem e Adulto (doravante EJA) enfrenta, na maioria, desafios como a redução do tempo escolar devido à violência aos arredores do espaço escolar, a baixa autoestima dos estudantes, entre outros. Mas, um desafio tem se tornado cada vez mais recorrente, a presença mais acentuada de jovens na configuração das turmas.

Logo, o interesse do referido estudo emerge das experiências vividas em uma instituição escolar estadual, objetivando compreender os desafios e as possibilidades de atuação da gestão escolar frente à nova configuração da EJA num cenário de políticas cada vez mais atrelado a avaliações externas. Assim, visando contribuir com o debate da gestão escolar em unidades que ofertam EJA e partilham desses mesmos desafios.

## **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: quem é o seu público?**

A EJA é amparada por lei e mesmo que o público-alvo seja definido, principalmente, pelo critério do recorte por idade, deve-se compreender que perpassa a questão etária, abrangendo aspectos, como cultural, social, político e histórico. Para a

gestão superar os desafios e mediar às possibilidades de atuação, é preciso conhecer os sujeitos dessa modalidade.

Hadadd e Di Pierro (2000) apresentam um breve panorama histórico ao longo dos cinco séculos da história posteriores à chegada dos portugueses ao Brasil, mas o foco maior é a metade do século XX, pois nele encontramos um pensamento pedagógico e políticas públicas mais voltadas para a identidade e feições da EJA. Com base nos aspectos históricos discutidos, visando apresentar o processo de desenvolvimento dessa modalidade no Brasil, com foco na educação escolar, percebe-se que os sujeitos da EJA assumiram vários rótulos preconceituosos, como o mal da sociedade, que trouxeram consequências danosas para aprendizagem dos mesmos.

Por isso, para entender esses sujeitos é preciso refletir sobre as condições que fazem seu público ser considerado relativamente homogêneo. Pois, os jovens e adultos dessa modalidade compartilham da condição de “não crianças”, de excluídos da escola e de membros de determinados grupos culturais, conforme Oliveira (1999). Além disso, o lugar social que esses sujeitos são colocados devido às diversas condições citadas podem trazer sentimentos de tristeza, baixa-autoestima, inferioridade, vergonha, humilhação. Mesmo compreendendo que algumas características são de fato compartilhadas pelo grupo cultural de jovens e adultos da EJA, não podemos esquecer que a heterogeneidade também atua, pois o desenvolver dos seres humanos, segundo Oliveira (1999) é um “processo constante de transformação e de geração de singularidades” (p.72).

Assim, a EJA é complexa, como as relações humanas. Mas, o que não podemos esquecer é que a escola é local de confronto de culturas e também de encontro de singularidades. E essa relação entre confronto e encontro na escola pode variar de acordo com as demandas sociais, históricas, políticas e culturais à qual estava inserida. Dessa forma, Hadadd e Di Pierro (2000) ao apresentarem o breve histórico da modalidade, afirmam que novos desafios são incorporados à medida que sujeitos com novas demandas são inseridos nessa realidade. Percebe-se isso ao longo da trajetória da EJA, por exemplo, os programas de educação de jovens e adultos, que inicialmente surgem para dar oportunidades para adultos trabalhadores, mudam sua identidade com o

ingresso de jovens. Assumindo a função de acelerar os estudos de jovens com defasagem série-idade e regularização do fluxo escolar. A partir disso, Hadadd e Di Pierro (2000) dizem que surgem desafios de um novo século, como a qualidade de ensino, a exclusão escolar, o estímulo às aprendizagens, índices e avaliações externas.

Em relação às avaliações externas e a nova configuração da EJA, vale ressaltar que Akkari (2011) chama atenção para a forte presença de políticas avaliativas em larga escala que emergem da influência das organizações internacionais e seus modelos avaliativos. Logo, ao se ter como ponto de referência determinado modelo, cria-se níveis de comparabilidade dos sistemas educacionais, o que gera rótulos cruéis de ineficiente. E as escolas submetidas a essas avaliações acabam sofrendo a forte pressão dos índices. A questão é quais os critérios que ditam esse ou aquele como eficiente e de qualidade?

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada numa escola da rede pública estadual, sendo uma Escola de Referência em Ensino Médio (EREM), na cidade do Recife- PE. A mesma oferece Ensino Médio em tempo Integral, além da EJA no turno da noite. A média etária dos estudantes compreende entre 18 a 24 anos. Foram realizadas oito (08) observações nas turmas da EJA- Ensino Médio do 1º ano ao 3º ano, visando entender a organização escolar e atuação da equipe gestora. Em seguida, entrevista semiestruturada com a coordenadora pedagógica, professores e alunos.

## **RESULTADOS**

O cenário de modificação da identidade da EJA vem se alterando mais. As escolas consideradas de referência do Ensino Médio do ensino regular, como a escola pesquisada, têm realizado uma ação cada vez mais comum. Em virtude dos índices dos chamados testes padronizados em larga escala, essas instituições são reféns de “esconder” àqueles que não conseguem atingir as metas desses testes, sendo rotulados como o “problema”. Logo, onde “depositar” esses estudantes? Isso mesmo na EJA. Vale ressaltar que o problema com os que não conseguem atingir a meta, envolve mais do que desempenho escolar, pois perpassa por diversos aspectos. Paro (2016) nos alerta

sobre a frequente necessidade da escola em responder as avaliações externas, mostrando que o objetivo não é perseguir a formação de um cidadão, mas índices e resultados, legitimando a inferioridade dos inferiores. O problema não está na avaliação externa em si, mas na forma como os resultados das mesmas estão sendo usados.

A partir das observações e das entrevistas realizadas percebe-se que a cada ano a faixa etária dos estudantes diminui na EJA. Ao escutar os estudantes é comum afirmarem que vieram do ensino integral da própria escola, pois devido às reprovações ou as pausas nos estudos, ficaram fora de faixa, sendo aconselhados a migrar para EJA, evitando “manchar” os índices, que são expostos nas paredes da escola. Mas, é frequente a ideia de que muitos consideram que a EJA é uma oportunidade de concluir mais rápido o Ensino Médio.

Assim, além dos desafios já colocados para a gestão escolar na EJA, essa nova configuração que surge, não tem como desafio somente atender esses alunos, mas a incorporação das vozes juvenis nesses espaços, a fim de que seja garantindo o espaço para as múltiplas vozes. Já que uma das falas do estudante foi “É difícil ter alguém que olhe pra nós, porque só importa os do integral”.

## **CONCLUSÕES**

Cada vez mais a EJA tem assumido a identidade de Educação de mais Jovens reprovados e excluídos do sistema regular em paralelo com alguns poucos adultos que ainda frequentam esse contexto. Assim, é importante pensar em caminhos que favoreçam a valorização e incorporação das vozes dos novos sujeitos de conhecimento e de aprendizagem da EJA, permitindo que a gestão dialogue com essa nova identidade, que aparece fruto de avaliações e índices externos. Não se trata de culpabilizar a gestão escolar, mas chamar atenção das instituições para repensar o uso dos índices e as práticas na EJA.

## **REFERÊNCIAS**

AKKARI, Abdeljalil. Influência das Organizações Internacionais nas Políticas Educacionais. In: **Internacionalização das Políticas Educacionais: transformações e desafios**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

HADADD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens a Adultos. **Rev. Brasileira de Educação (online)**. 2000, n. 14, p 108 – 130.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.

**Revista Brasileira de Educação**. 1999. N. 12, p. 59-73.

PARO, Vitor Henrique. A gestão da política nacional da educação: desafios contemporâneos para a garantia do direito à educação. In: CRUZ, Rosana Evangelista da; SILVA, Samara de Oliveira (Orgs). **Gestão da Política Nacional de Educação: desafios contemporâneos para a garantia do direito à educação**. Teresina, EDUFPI, 2016. p.39-56.